

A ESCRITA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE PROFESSORES UM ESTUDO A PARTIR DOS ENUNCIADOS DIDÁTICOS

COSTALONGA¹, Elida M^a Fiorot – SEME/PMV/ES e FACHA – efiorot@hotmail.com

GT: Psicologia da Educação / n.20

Agência Financiadora: Sem Financiamento

APRESENTAÇÃO

*A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa
Fui até o campo com grandes propósitos,
Mas lá só encontrei ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira.
Em que hei-de pensar?
[F. Pessoa, 1928]*

Nas últimas décadas, trabalhando com professores em diferentes níveis de formação inicial e continuada, no Ensino Superior e na Educação Básica temos acompanhado, em parte, o trabalho de alfabetização de crianças no Estado do Espírito Santo. Face à necessidade de “dar respostas”, ainda que provisórias, aos professores, aos alunos e suas famílias nos mantivemos num processo de formação contínua. Desejando compreender, mais e mais, o processo de aprendizagem da linguagem escrita em suas múltiplas dimensões/expressões debruçamo-nos sobre vários estudos, tentando confrontar e discernir interpretações explicativas no âmbito da psicogênese e da sociogênese do desenvolvimento de crianças em processo de aprendizagem da linguagem escrita e leitura. Entendemos que o aprofundamento dessas questões são importantes para a formação e práxis de professores e formadores que atuam na área.

Apesar da quantidade crescente de discussões no campo da alfabetização nas últimas décadas, principalmente a partir da ampla divulgação dos trabalhos de Ferreiro e colaboradores (1985, 1987) de nossa perspectiva, o objeto-escrita, enquanto produto e processo sócio-cultural, ainda permanece pouco estudado em várias de suas dimensões, tanto por parte dos professores e formadores, como dos próprios pesquisadores da área.

Sabemos que pontos de vista unidimensionais são inadequados à compreensão de fatos, fenômenos e processos, quer nas ciências naturais, quer nas ciências sociais. Este

¹Doutora em Educação: Psicologia da Educação, Orientadora Prof. Dra. Bernardete Angelina Gatti - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

pressuposto, ao mesmo tempo que, revela a fragilidade de qualquer “teoria” se tomada como a ferramenta explicativa de um processo educativo/formativo, põe em evidência a necessidade de se construir espectros interpretativos constituídos por múltiplos olhares como tentativa de aproximação do objeto de nossos estudos, dentre os quais destacamos, neste trabalho o ensino e aprendizagem escrita pelas crianças – tema curricular dos cursos de formação de professores.

2. OBJETIVO DO ESTUDO

Analisar algumas concepções e sentidos constitutivos dos enunciados didáticos que orientam professores em formação profissional universitária para atuar no processo de ensino e aprendizagem escolar, quando da iniciação da criança no mundo da linguagem escrita. Mediante as questões em exame, esta pesquisa representa uma tentativa de análise crítica do tratamento teórico-metodológico dado à relação Criança-Linguagem Escrita nos Discursos Formadores (DF) do PEC – Formação Universitária Municípios.

3. NOSSO FOCO E PROBLEMA DE PESQUISA

Como parte de nosso doutorado, este estudo tem o foco no tratamento teórico-metodológico dado ao ensino da Linguagem Escrita na formação universitária de professores-alfabetizadores a partir da tríade didática constituída nas inter-relações entre formadores/professores/escrita. Propomos investigar e discutir essa problemática a partir de um Programa de Formação Universitária com professores da rede pública dos municípios de São Paulo, no que se refere ao tratamento dado, especificamente, ao ensino da linguagem escrita no início da escolaridade infantil, como parte do processo de alfabetização. Entendemos que, ao se tornarem mais claras as relações, as concepções e os sentidos que participam da constituição da tríade didática, poderemos melhor dimensionar as efetivas contribuições dos cursos que formam professores para o ensino da escrita na infância.

4. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO1. Qual o tratamento teórico-metodológico dado ao ensino da Escrita no PEC - Formação Universitária Municípios, quando a finalidade específica do texto/discurso é orientar os alunos-professores no que diz respeito ao ensino da Linguagem Escrita no início da escolaridade infantil ?

2. Que concepções e sentidos se configuram nos enunciados didáticos dos discursos formadores destinados a orientar os alunos-professores quanto ao processo de iniciação da criança no mundo cultural da Escrita?

5. DE ONDE FALAMOS: QUADRO TEÓRICO-CONCEITUAL

Conforme dissemos acima, nosso problema de pesquisa foi delineado, principalmente, inspirando-nos em Vygotski e Bakhtin e, ao mesmo tempo, nas leituras críticas de nossa *prática teórica*, na qualidade de formadora na Educação Superior e no Ensino Fundamental. Dentre as múltiplas incitações provocadas pela leitura (Proust) da obra de Vygotski (1993, 1995), particularmente, nos empenhamos na tentativa de compreender o que significa conceber a *Linguagem Escrita como um sistema complexo de símbolos e signos*, tal como a conceituava este pensador soviético.

Sabemos que um mesmo fenômeno pode ser observado, e nunca esgotado, do ponto de vista de várias teorias, por vezes, intercomplementares, não, necessariamente, mutuamente excludentes. Nesse sentido, tentamos fazer um regate do processo histórico e cultural da invenção e desenvolvimento da Escrita: retomamos leituras e pomos em discussão o próprio Vygotski, mas também sentimos necessidade de voltarmos a ler Umberto Eco ([1932-1989]; 1962, 2002) Bakhtin ([1895-1975], Foucault ([1926-1984], 2002), dentre outros. Entendemos que a partir dos diferentes olhares, de distintos *lugares exotópicos*, como diz Bakhtin, pudéssemos aceder a *outras visões de mundo* acerca do Humano e suas Linguagens, dentre as quais, se inscreve a Escrita.

Para efeito deste trabalho, a escrita está sendo considerada como um produto histórico-cultural, criado pelos humanos, os quais, diferenciando-se no mundo, na qualidade de *intérprete ativo*² o humano agiu transformando a natureza e criando mecanismos de superação de limites identificados em si mesmo como parte dela. Porém, se de um lado a natureza é limitada, por outro, foi nela que o humano encontrou os substratos biológicos que lhe permitiram evoluir social e psicologicamente e produzir cultura e fazer história. Dessa forma, como empreendimento social e diversificado, os humanos criaram as condições imprescindíveis à própria sobrevivência, quer como ser social, quer como ser-político-econômico - processo complexamente constituído, onde se

² Conceito tomado emprestado de Umberto ECO (2000)

inscreve a invenção teórico-prática de ferramentas e signos, dentre os quais, se encontra a Escrita – síntese dialética da atividade discursiva do Humano-no-Mundo-com-o-Outro. A escrita assim abordada, dá-se ao mundo, um só tempo, como ação, conhecimento e linguagem: produto em processo dinâmico na tríade social, conforme representada a seguir:

SÍNTESE TEÓRICO-CONCEITUAL

O HUMANO NA HISTÓRIA
NATUREZA CULTURA E LINGUAGEM

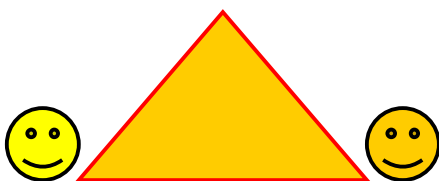
Escrita (objeto do mundo)



FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE
PROFESSORES

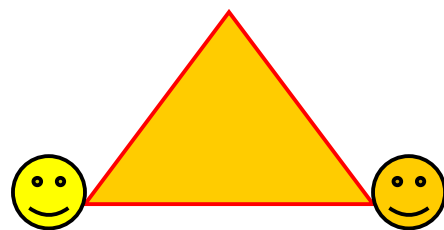
A ESCOLA E O LER E ESCREVER

OBJETO-ESCRITA

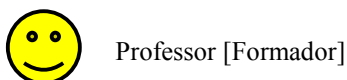
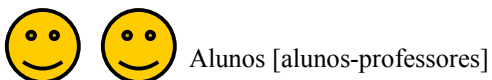


TRÍADES DIDÁTICO-DISCURSIVAS

OBJETO-ESCRITA



Legenda:



**6. FORMAÇÃO: SÍNTESE HISTÓRICA DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE
O PROFESSOR E A LINGUAGEM ESCRITA**

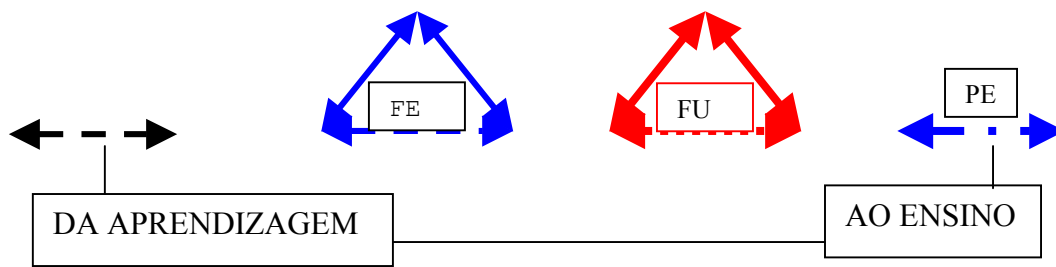
6.1. Conceito de Formação Trata-se de um processo articulado de formação e educação que se realiza a partir da constituição de tríades didáticas e sociais entendidas como espaços discursivos de sinalizações e que podem assim se configurar quando determinados sujeitos se proponham em aprender e ensinar algo uns aos outros.

Por sua vez, o espaço da formação do professor numa área específica de conhecimento deveria ser o espaço/possibilidade de síntese das sínteses acerca do seu objeto e método de ensino particular, no âmbito de sua docência profissional. Ensinar algo, ou seja, ensinar a Linguagem Escrita, implicaria por parte do professor e sua escola em dar a conhecer aos alunos – reconstituindo didaticamente – o processo de criação/invenção histórica deste objeto de estudo. Na esteira desse raciocínio, aprender para ensinar a Linguagem Escrita pressupõe que os “alunos-professores” ao longo de sua formação pudessem se apropriar criticamente desse processo e seu produto, agir sobre eles, dominá-los na prática pedagógica educativa/formativa, assim como na prática social, enquanto sujeito de discurso em comunicação, numa determinada cultura e época. Em outras palavras, a formação do professor (Figura 1 e 2) pode ter início na família, a partir das primeiras experiências sociais de leitura e escrita ali vividas, as quais integra às experiências escolares, como intérprete ativo, pode *transformá-las* e se *transformar*, na medida em que passam a fazer parte de sua constituição social de aprendiz da linguagem escrita (das linguagens, melhor dizendo). Segundo essa perspectiva, seria conveniente que o ensino-aprendizagem na formação profissional de professores pudesse qualificar-se como um espaço de sínteses formativo-qualitativas, isto é, de conceitualizações e reconceitualizações de todas estas experiências e conhecimentos anteriores ao ingresso do futuro professor na universidade, reconhecendo que tais aprendizagens tanto podem favorecer como se converterem em obstáculos ao desenvolvimento do professor em formação.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DA APRENDIZAGEM AO ENSINO

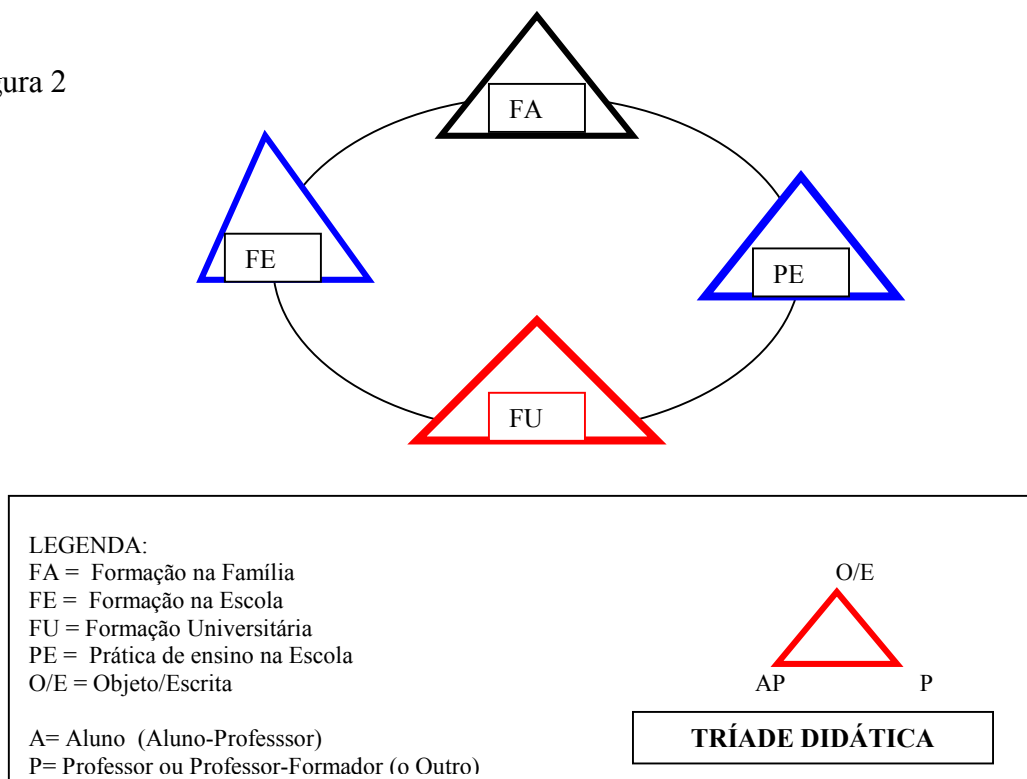
Figura 1





DA APRENDIZAGEM AO ENSINO: A FORMAÇÃO COMO SÍNTESE

Figura 2



7. DO CAMPO DE ESTUDOS

7.1. O PEC – Formação Universitária Municípios (PUC SP)

Este Programa de Educação Continuada (PEC) conhecido como PEC-Formação Universitária Municípios oferece licenciatura plena, através de tecnologias avançadas, para professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em exercício nos municípios de São Paulo, sem a formação universitária que orienta a legislação. Esta iniciativa apresenta uma certa relação de sentido com as concepções e os objetivos dos Programas, considerados para efeito deste trabalho como *mega-discursos* sobre Formação de Professores, em enunciação nas últimas décadas, no Brasil. Entre esses Programas, de um modo geral, observa-se na constituição dos *discursos formadores* uma tendência em enfatizar a necessidade de:

- superação de problema herdados da escolaridade anterior e da formação deficitária dos alunos-professores, principalmente no que diz respeito a falta de hábitos de estudo e leitura;
- ênfase na formação de professores com olhar reflexivo sobre a prática ;
- incentivo ao trabalho em equipe;
- ênfase no desenvolvimento de competências profissionais;

De modo particular, em sua Proposta Básica (2003) o PEC-Formação Universitária Municípios, declara-se como “uma experiência inovadora, uma proposta não-convencional de formação de educadores aberto à comunidade como possibilidade de experimentação e de avaliação”. Considerando o problema e os objetivos de nosso estudo, em relação ao perfil do PEC e sua abertura à pesquisa, esta análise em conjunto foi decisiva na definição desse Programa como campo de nossa investigação.

7.1.1 PEC: METODOLOGIA E FUNCIONAMENTO

De acordo com sua Proposta Básica (2ª edição, 2003) o PEC - Formação Universitária Municípios é um Programa presencial organizado em módulos que sistematizam os referenciais teóricos do Programa, por meio de temas e unidades curriculares. Este Programa se desenvolve com apoio de tecnologia avançada em comunicação e informação, e, ao mesmo tempo, faz uso de material impresso, que são documentos escritos, didaticamente organizados para orientar os alunos-professores quanto à realização das atividades curriculares a seguir:

- 1) Videoconferências (VCs) e Teleconferências (TCs)
- 2) Trabalhos Monitorados (TMs)
- 3) Atividades Programadas (APs) Vivências Educadoras (VEs) Oficinas Culturais (OCs) Escrita de Memórias (EMs)
- 7) Módulos Interativos (MIs): Módulo1; Módulo2; Módulo3; Educação Infantil

7.1.2. PEC-FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UM MEGA-DISCURSO

Enquanto Programa de Formação, conforme assinalamos acima, o PEC-Municípios se constitui, dentre outros, como um *mega-discurso*, com os quais constitui uma rede de enunciação de certas concepções e sentidos em circulação atualmente na sociedade sobre a temática Formação de Professores.

PREMISSA DE BASE

Todo *conteúdo* de ensino é veiculado através de determinadas *formas discursivas* que fazem do ensino-aprendizagem um contexto de comunicação entre o professor-formador, alunos ou alunos-professores, e os objetos de conhecimento previstos no programa do curso. No contexto deste Programa “não-convencional” há um discurso escrito cumprindo nesta tríade didática a função do Professor-Formador. Esta perspectiva nos permitiu recortar do Programa PEC – Formação Universitária Municípios, para fins de estudo, aqueles textos/discursos escritos que apresentam uma relação de sentido com o nosso problema de pesquisa, os quais denominamos Discursos Formadores – Amplos e Específicos.

8. DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Com a finalidade de acessar empiricamente o nosso problema de pesquisa, buscamos no mega-discurso do PEC, em quais contextos discursivos a Linguagem Escrita estaria contemplada como conteúdo privilegiado, isto é, a Escrita enquanto objeto de ensino neste programa de formação universitária de professores que têm a responsabilidade profissional e institucional de ensinar crianças e jovens a ler e escrever.

Em sua Proposta Básica, o PEC - Formação Universitária Municípios da PUC SP declara-se como um “curso não-convencional de formação de professores” Uma das características que moldam este seu perfil é a inexistência da aula configurada na relação pedagógica face-a-face, entre professor/alunos. Neste programa, esta relação sujeitos/conhecimentos se realiza através da mediação de vários professores-formadores, cada qual com papéis específicos a desempenhar no desenvolvimento do curso. Assim os conhecimentos/conteúdos da matriz curricular são veiculados em teleconferências, videoconferências, amplo uso de recursos da informática, etc. Além desses recursos, todo o conteúdo destinado aos alunos-professores, encontra-se impresso e é neste material escrito que se encontram tanto os principais conteúdos a serem estudados como as orientações didáticas de como fazer as atividades propostas em cada tema/módulo. Assim sendo, além dos recursos tecnológicos, como parte da metodologia, formadores e alunos-professores utilizam diferentes tipos de textos no processo de ensino-aprendizagem. O que equivale dizer que, mesmo na ausência física da figura do professor-formador, na tríade didática do PEC, há um discurso formador, cumprindo a função pedagógica do professor. Em razão de tudo isso, optamos trabalhar com o que chamamos de *discursos dos formadores* – textos escritos que integram a Proposta do

Programa e que foram classificados para fins metodológicos desta pesquisa em (a) Discursos Formadores Amplos e (b) Discursos Formadores Específicos.

8.1. DISCURSOS FORMADORES UTILIZADOS COMO FONTES

A - Proposta Básica do Programa PEC - Formação Universitária Municípios (2ª edição, 2003), acompanhada do Manual do Aluno.

B - Material Impresso do Aluno – Unidade 4.3 - “Aprendizagem e Desenvolvimento da linguagem escrita: Alfabetização e Letramento (Módulo 2 - Tema 4) e as respectivas Orientações para os Professores Tutores

8.1.1 Dos Discursos Formadores Amplos – DFA

Num primeiro momento analise dos “*discursos formadores mais amplos*” ou seja, aqueles textos/discursos do Programa que tratam dos aspectos mais gerais do curso, conforme elencados a seguir: 1- Dos Objetivos do Programa.

2- Da Metodologia e Atividades.

3- Dos Módulos e da Matriz Curricular.

4- Da Língua Portuguesa – Tema 4 - Módulo 2: Formação para a docência escolar: cenário político - educacional atual, conteúdos e didáticas das áreas curriculares.

5- Das Unidades Curriculares e Ementas de Língua Portuguesa.

6 Das Competências de Referência para Avaliação na área de Língua Portuguesa.

7 Das Expectativas de Aprendizagem e Conteúdos: aprendizagem e desenvolvimento da linguagem escrita

8.2.2. Dos Discursos Formadores Específicos – DF Num segundo momento, passamos a análise dos “*discursos formadores específicos*”, isto é, aqueles textos/discursos diretamente relacionados ao nosso problema de pesquisa, elencados abaixo:

1- Da Ementa e Subunidade: Aprendizagem e Desenvolvimento da Linguagem Escrita (Unidade 4. 3 – Tema 4- Língua Portuguesa).

2- Da Síntese da Unidade: Aprendizagem e Desenvolvimento da Linguagem Escrita: Alfabetização e Letramento (Unidade 4. 3 – Tema 4).

3- Das Finalidades Específicas - Aprendizagem e Desenvolvimento da Linguagem Escrita: Alfabetização e Letramento (Unidade 4. 3 – Tema 4).

9. RESULTADOS A PARTIR DOS DISCURSOS FORMADORES AMPLOS

Tendências em relação aos cursos convencionais de Pedagogia

Apontando continuidades

- Quanto ao ensino da Linguagem Escrita – o tratamento teórico-metodológico dado a este objeto concentra-se na *subunidade curricular* de Língua Portuguesa, espaço no qual assume a feição de *conteúdo de ensino*, dentre outros que compõem a área. Dessa forma, à semelhança do que se observa nos cursos convencionais, ao reduzir este *objeto de estudo* à condição de *conteúdo curricular*, vê-se minimizada a relevância diferenciada que este objeto de conhecimento – o ensino da linguagem escrita - deveria receber num Programa que pretende “habilitar professores” para ensinar a ler e escrever na escola. Nessa mesma linha de pensamento, resta, ainda, indagar até que ponto este Programa de Formação toma o objeto-Escrita como um conhecimento que age e afeta a qualidade do ensino-aprendizagem dos diversos conteúdos curriculares. Quanto aos “Objetivos do Programa” - todos os dez enunciados focam, tão somente, “o que se espera dos alunos-professores”. Dessa forma, mostram-se frágeis as relações constitutivas das diversificadas tríades que se configuram ao longo da execução do programa; parece desconsiderar que o ensinar e aprender, *também na licenciatura* coloca em relação didático-formativa os alunos-professores, os formadores, e os vários objetos de conhecimento previstos no curso. Por conseguinte, aponta uma tendência em minimizar o papel dos formadores e outros profissionais atuantes no Programa, quando, de nosso ponto de vista, levando em conta a complexidade de um curso dessa natureza; o papel pedagógico do Formador também se complexifica e assume novas exigências e novos contornos teórico-metodológicos. **Apontando**

rupturas e reafirmando inovações:

No âmbito do foco de nossa pesquisa observamos no PEC algumas tendências à ruptura em relação aos cursos convencionais, o que reafirma, em parte, a sua intenção declarada de ser um programa inovador na área . Dentre as tendências identificadas, destacamos:

- •Diversidade metodológica e incorporação de avanços tecnológicos e científicos;•Organização e atuação de equipes diversificadas de professores;
- •Proposição de várias atividades de leitura e escrita como parte do currículo e da metodologia, tais como: Oficinas Culturais, Escrita de Memórias, etc.;

- •Reconhecimento da importância do trabalho com as diferentes linguagens, incluindo leitura e escrita, desde a creche, na pré-escola.

Apontando inovações, mas também equívocos

- Tanto no discurso das Competências como no discurso dos Objetivos, a Linguagem Escrita não está, explicitamente, contemplada, nem como objeto de estudo e aprofundamento, nem como objeto de ensino. Isso contraria a própria finalidade do programa quando se propõe a formar professores cujo papel principal na escola é ensinar leitura e escrita.
- O discurso das Competências tem sido convertido em Objetivos nos cursos de Formação de Professores. A noção vaga e generalizante do conteúdo que veicula nos faz pensar que estamos diante de um conceito “multi-uso” que se impõe ao professor como uma força simbólica, segundo a qual, ser competente parece querer significar ser onipotente.
- Tudo permanece no implícito de um discurso formador genérico que não deixa claro em quê este profissional em formação na universidade se diferencia dos demais. Dessa forma, desconsidera-se a especificidade do objeto de ensino que circunscreve o âmbito de sua atuação e a natureza de sua função na escola.
- Descuidando-se da especificidade da profissão do alfabetizador: dentre os dez objetivos formulados, em nove deles não identificamos nenhuma restrição que impeça de os mesmos serem aplicados a qualquer outro programa de formação profissional, de professores ou não.
- Um programa que aborda a formação de professores-alfabetizadores, predominantemente, quanto aos seus aspectos mais genéricos, corre o risco de pouco ensinar acerca da natureza específica do seu trabalho profissional.
- O enfoque dado na formulação dos objetivos, embora se trate de “Objetivos do Programa”, todos os dez enunciados focam, tão somente, “o que se espera dos alunos-professores”.

Dessa forma:

- negligencia-se a constituição triádica do processo didático de ensino-aprendizagem e a complexidade de um curso dessa natureza.

- desconsidera-se o importante papel dos professores-formadores e outros profissionais envolvidos no Programa.

- reafirma-se o pressuposto “que os professores aprendam e dêem continuidade a sua formação profissional baseando-se em sua experiência docente e de vida”, isto é, que aprendam com a própria prática.

- reafirma-se a concepção de formação que toma a prática como o espaço da verdade - única fonte válida de saberes e aprendizagens sobre a função docente.

- desconsidera-se que aprender com a prática também pressupõe conceitualizações e reconceitualizações - processo que requer elementos teóricos que sirvam ao aluno-professor de ferramentas para analisar a prática pedagógica. Assim, repõe a função do formador na tríade didática no processo de formação dos professores.

- considerar a prática como objeto de reflexão, portanto, de estudo, não minimiza o papel do formador e sua função didática no processo de formação de professores, mesmo se a metodologia do curso utiliza mídias interativas de ponta. Nessas situações, os modelos convencionais de ensino são forçados à uma outra reconfiguração, uma vez que, novos significados e novos sentidos lhes são agregados nesse diferente contexto/modelo de formação universitária.

10. RESULTADOS A PARTIR DOS DISCURSOS ESPECÍFICOS

Chamamos “Discursos Formadores Específicos” os enunciados didáticos que orientam as 10 (dez) atividades formadoras, previstas no PEC – Formação Universitária Municípios para os estudos acerca do ensino e aprendizagem da Linguagem Escrita (Subunidade Curricular 4.3 – de Língua Portuguesa).

Quadro-síntese

A Escrita- Objeto de Ensino	A Escrita - Objeto de aprendizagem
<p>Isso é a Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> • um sistema de representação da língua não um código de transcrição • uma linguagem utilizada nas práticas sociais • a linguagem escrita não é o escrito, o grafado, • produzir um texto em linguagem escrita significa considerar uma determinada escolha lexical, uma determinada forma de organizar o enunciado, significa selecionar determinados recursos lingüísticos; <p>Isso não é Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> • ler e copiar frases simples e curtas. • usar sílabas adequadas para formar palavras • copiar palavras • combinar adequadamente sílabas para formar palavras conhecidas no cotidiano 	<p>Tipos de textos solicitados</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer relatórios • Elaborar quadro-síntese de leituras; • Elaborar definições; • Fazer planejamentos: reuniões, aulas, etc • Elaborar projetos de trabalho; • Elaborar avaliações; • Elaborar objetivos; • Escrever introdução; • Escrever uma conclusão; • Delimitar um problema de pesquisa; • Escrever Normas de Convivência

No quadro acima, de um lado, reunimos as principais concepções/dimensões da Escrita, enquanto objeto de ensino dos professores em formação. Do outro lado, registramos os diversos tipos de textos exigidos dos mesmos alunos-professores, como parte das atividades a serem realizadas e avaliadas durante o curso. Em ambos os casos a

linguagem escrita “emerge” em graus diversos de complexidade. No conjunto de suas inter-relações, tais dados mostram elementos significativos do tratamento teórico-metodológico dado à linguagem escrita na formação destes professores, os quais serão abordados a seguir.

Uma análise que tente comparar as duas colunas do Quadro acima põe em evidência mais continuidades que rupturas em relação às tradições históricas na área tanto no âmbito da didática ensinada (a escrita como objeto de ensino às crianças) como da didática praticada (a escrita como objeto de aprendizagem para aprofundamento dos alunos-professores em formação). Resguardando-se as diferenciações necessárias à adequação teórico-metodológica no ensino da escrita, quer se trate de ensinar crianças ou alunos-professores, chamamos a atenção para algumas contradições que os enunciados didáticos formadores revelam no domínio circunscrito ao foco de nossa análise.

Tendências teórico-metodológicas na abordagem do ensino da linguagem escrita

Apontando continuidades...em relação às tradições na área

- retorno a polêmica relação “teoria/prática” frustrando a expectativa de aprofundamento de “diferentes concepções e suas implicações na prática”;
- concepção simplificada do processo de educação e formação expressa tanto na ênfase em que “a criança alfabetiza-se”, assim como, na formação do professor subtendida apenas como auto-formação;
- perde de vista que o espaço de formação é um lugar de aprofundamento acerca de como estes conhecimentos “teoria” e “prática” se unem/separam, e/ou se alternam na função de força/influência quando se trata de tentar elucidar distintas realidades.
- concepção não-dinâmica da tríade didática “professor/aluno/objeto” no contexto discursivo comunicativo do ensino-aprendizagem da escrita:

Apontando inovações, mas também alguns equívocos

- ênfase na construção da escrita pela criança, minimizando a função do ensino na aprendizagem.

- tendência em não reconhecer as diferenças nas condutas de crianças de distintas épocas e culturas; o que pode sugerir que estamos diante de uma concepção não histórica do ser-criança e da construção social da escrita;
- ênfase na dimensão política da alfabetização: minimizando-se as dimensões psicológicas e científicas, ideológicas, discursivo-comunicativas do ensino da linguagem escrita. Além disso, corre-se o risco de fragilizar o próprio poder político da alfabetização.
- das dez atividades previstas, em nove delas, o foco está na Psicogênese da Língua Escrita (Ferreiro, 1985) evidenciada como “**A Teoria**” a ser aplicada pelos alunos-professores nas suas práticas de ensino da escrita às crianças.
- na Atividade 10 (última deste bloco de estudos) é onde encontramos a “alfabetização como prática discursiva” - o último tema de estudo.
- ao entrar em cena a *dimensão discursiva da alfabetização* faz supor que um novo sentido será agregado aos estudos na área.

Porém,

- ênfase nas formas linguísticas e nas escolhas lexicais, negligenciando que, no texto/discurso, a forma tem a *forma do seu conteúdo* e que a escrita, desde a sua gênese, não diz respeito apenas à forma, isto é, não se trata de uma mera linguagem oca destituída de significados e sentidos;
- quando não deixa clara a natureza das diversas competências envolvidas nas distintas práticas discursivas e considera somente os aspectos lingüísticos, acaba por deixar fora do processo didático outras dimensões da escrita importantes para formação do professor-alfabetizador,. Referimo-nos às dimensões científica, histórica, cultural, sígnica, simbólica, ideológica, cuja compreensão pode ser encontrada a partir de um diálogo com a Sociogênese da relação homens/linguagens/culturas no processo histórico da humanidade;
- apesar de enfatizar a relevância de “boas referências de práticas de linguagem” para a aprendizagem da criança, os enunciados didáticos analisados não deixam claro como e quem cuidará do “letramento” dos alunos-professores;

Na ausência de um aprofundamento teórico-metodológico da questão da alfabetização como prática discursiva, permanecem como referência as premissas da “Psicogênese”. Sendo assim, tende-se a

- tomar como absoluto o que é relativo;
- deixar de reconhecer as fragilidades da psicogênese, enquanto *a referência* para o ensino da linguagem escrita; e, em contrapartida, acaba por criar zonas de opacidade quanto à compreensão de sua natureza social. Tal abordagem pode confrontar o professor com obstáculos mediante a tarefa de ensinar leitura e escrita na escola, assim como de observar e “acompanhar a escrita das crianças”.

Ainda sobre esta questão, gostaríamos de assinalar que ao se focar na produção escrita da criança, não se pode esquecer do próprio aprendiz. A criança, enquanto aprendiz, é um ser intérprete ativo no mundo. Sendo assim, mais que *rabiscar* e/ou imitar o que vê/ouve/lê, ela busca e atribui sentido às linguagens, sinais, enfim, aos signos de sua cultura. Conforme sublinha Vygotski quando a criança se apropria das linguagens da cultura em que vive, suas estruturas psíquicas podem mudar/evoluir em razão do desenvolvimento de novas capacidades psicológicas superiores às precedentes. Aprender a dominar uma linguagem, particularmente a escrita, esse processo promove desenvolvimento intelectual.

Portanto, as explicações dos textos infantis podem assumir novos contornos se inscrevermos as crianças e suas produções escritas, em conjunto, na tríade social (Homem/Homens/Mundo) do processo histórico-discursivo da humanidade, onde o humano[criança ou adulto] se constituiu como intérprete ativo, e, nessa condição social - de ser-com-o-outro - criou/cria ferramentas materiais e imateriais – institui/institui diferentes processos comunicativos, considerados hoje, como uma rede de discursividade em permanente desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Retomando a premissa que mobilizou o nosso espírito científico na fase embrionária desta pesquisa e na delimitação do nosso problema, vamos dizer que considerar como Vygotski, a Linguagem Escrita como “um sistema complexo de signos e símbolos”, à luz dos estudos realizados para efeito deste trabalho, implica em inscrever esta linguagem no “sistema de produção de conhecimentos e sentidos ” que se produzem na relação entre o Homem/Natureza/Cultura, no curso da História feita e da História que estamos fazendo levando em consideração nossas representações acerca do futuro, representações estas, criadas num mundo em que novas tecnologias aplicadas à

informatização dos processos discursivos-comunicativos têm afetado profundamente a relação “professores/alunos/objetos de estudo” Nesta perspectiva, falar de tríade didática faz sentido se levarmos em conta a tríade comunicativa “homem/homens/mundo”, a partir da qual os humanos se exprimem – agem no mundo. De um modo geral os dados que encontramos projetam uma configuração triádica em que as inter-relações entre formadores/professores/ensino do objeto-escrita mostram-se fragilizadas. Onde seria conveniente observar continuidade teórico-prática, o que salta como evidências são rupturas: de um lado, quando se trata de mostrar aos professores o que é a linguagem escrita e como deveria ser ensinada às crianças, fala-se da escrita de modo genérico, utilizando conceituações abstratas, contrapondo como excludentes dimensões e explicações que são, de fato, inter-complementares no tratamento teórico-metodológico dado ao ensino da escrita.

Além disso, seria conveniente num curso de formação universitária de professores que ensinam leitura e escrita na escola, ajudá-los a

- compreender como o aprendizado de uma linguagem, notadamente a Escrita, *força* o aprendiz a reorganizar seu pensamento de modo a poder interpretar textos e mundos de modo mais coerente. fazer evoluir o desenvolvimento de novas capacidades psicológicas superiores, como por exemplo, aprender pensar com conceitos, aprender a inter-relacioná-los e a inscrevê-los em sistemas dinâmicos e abertos, etc.
- reconhecer que a produção de texto não tem um fim em si mesmo. Sendo assim, interpretar textos faz sentido na medida em que nos ajudam a interpretar e explicar distintas dimensões das realidades naturais e sociais, das quais somos co-partícipes. Ler a Escrita, ler textos em diversos níveis de complexidade ajuda ao humano - professores e alunos- melhor se compreenderem como sujeitos de discurso, na história da humanidade, entre o passado e o futuro.

MAIS UMA PALAVRA...

Este trabalho apresenta-se, pois, como uma obra aberta... Aberta aos alunos-professores, aos formadores e coordenadores do PEC- Formação Universitária Municípios, assim como, aos educadores em geral que, como nós, sonham com outras possibilidades de formação de professores e de mudança, em todos os

níveis da educação brasileira, no sentido mesmo apontado pelas professoras:
Placco, V.; André, M. e Gatti, B. (2003, p.82)

uma escola que se flexibiliza para atender seu aluno, seja ele de que origem social, cultural ou geográfica for; uma escola que incorpora a experiência e conhecimentos do aluno, respeitando seus saberes, mas ampliando seu universo; (...); - uma escola que se vê e se faz na construção coletiva realizada por seus professores, gestores, pais e comunidade; uma escola que valoriza a mudança e o rever a si mesma, enquanto, objetivo e sujeito de uma avaliação contínua e crítica

Se a sociedade atual nos obriga a pensar um novo papel para a escola onde as crianças são, sistematicamente, iniciadas no mundo da escrita, talvez a academia pudesse se antecipar no tempo e ajudar aos professores a instituir uma nova função para o ensino da leitura e escrita, da escola à universidade. Mais do que criticar as escolas, talvez a nossa contribuição, na qualidade de formadores seja aproximarmo-nos mais dos professores, e, inspirados em Calvino (2001), juntos passemos a fazer parte “dos inventori e interpreti tra la natura e li omni” [inventores e intérpretes entre a natureza e os homens]. Talvez, dessa forma, tenhamos algo mais significativo a ensinar às crianças na escola e aos professores na universidade.

Por fim, entendemos como o poeta Fernando Pessoa “a verdade, se ela existe, ver-se-á que só consiste na procura da verdade”. Quanto a isso, esperamos ter sido pelo menos razoáveis. Mesmo porque, quanto mais o *meu espírito se esforça por ser científico. [...]*
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando, olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no mundo como um malmequer [...]

[Fernando Pessoa]

Referências bibliográficas:

- ANDRÉ, Marli. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. São Paulo: DP&A : 2002.
- BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7.ed Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.. São Paulo: HUCITEC, 1995. 196p.

_____. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 420p.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 3ª ed., Tradução de Beatriz Borges, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 345p.

_____. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 315p.

FAUNDEZ & MUGRABI, E.(orgs.). *Ruptures et Continuités em Education: aspects théoriques et pratiques*. Institut pour le Développement et l'Education des Adultes (IDEA - Genève), 2003a. 232p.

FERREIRO, Emília. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: Fundação Carlos Chagas - Alfabetização – *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (52): fev/1985a. p.7 – 18.

_____. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. Diana L. Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 285p.

FOUCAULT, Michel (1926-1984). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins fontes, 2002. 514p.

GATTI, Bernadete A. A formação de professores: seus desafios, a pesquisa e seus contornos sociais. In: *Educação e Filosofia*. EDUFU. (v.17 – nº 34) jul./dez. 2003, p. 244-247.

PLACCO, Vera Maria N. S., ANDRÉ, Marli E. D. A.e GATTI, Bernadete A. *PROFORMAÇÃO Avaliação Externa*. - Brasília: MEC/SEED - Secretaria de Educação a Distância, 2003.

SÃO PAULO (SP)-UNDIME-FDE-USP-PUCSP. Programa de Educação Continuada – PEC – Formação Universitária Municípios 2ª edição, 2003.

VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas*. Tomo III (Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores (1931): problemas de desarrollo de la psique) Madri: Aprendizaje Visor, 1995. 384p.

_____. Pensamiento y Palabra. . In: *Obras Escogidas*. Tomo II, Madri: Aprendizaje Visor, 1993. pp.287 -349.